

**A IDENTIFICAÇÃO DOS PERÍODOS EVOLUTIVOS
COMO MÉTODO DE ANÁLISE DA PAISAGEM
URBANA: A RELAÇÃO ENTRE O SÍTIO E O TRAÇADO
URBANO EM JARDIM CAMBURI (VITÓRIA/ES)**

*THE IDENTIFICATION OF EVOLUTIONARY PERIODS AS A
METHOD FOR URBAN LANDSCAPE ANALYSIS: THE
RELATIONSHIP BETWEEN THE SITE AND THE URBAN LAYOUT
IN JARDIM CAMBURI (VITÓRIA, ES)*

*LA IDENTIFICACIÓN DE LOS PERÍODOS EVOLUTIVOS COMO
MÉTODO DE ANÁLISIS DEL PAISAJE URBANO: LA RELACIÓN
ENTRE EL SITIO Y EL TRAZADO URBANO EN JARDIM CAMBURI
(VITÓRIA/ES)*

Janaína Schmidel Baptista

Doutoranda em Processos urbanos e políticas físico-territoriais pelo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: schmidelbaptista@gmail.com | [Orcid.org/0009-0004-3375-2118](https://orcid.org/0009-0004-3375-2118)

Eneida Maria Souza Mendonça

Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: eneidamendonca@gmail.com | [Orcid.org/0000-0002-3290-2215](https://orcid.org/0000-0002-3290-2215)

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo identificar os períodos evolutivos de ocupação urbana no bairro Jardim Camburi (Vitória/ES), assim como analisar a paisagem a partir da relação entre sítio e traçado urbano. Trata-se de bairro cujo processo de urbanização está associado a implantação de complexo industrial, siderúrgico e portuário, a partir de 1970. Os procedimentos metodológicos adotados consistem na: revisão bibliográfica acerca do estudo da forma urbana e a relação desta com o sítio; coleta de dados sobre os aspectos naturais; iconografia; identificação do traçado urbano nos anos de 1955, 1962, 1970, 1978, 1998, 2003 e 2008, com base em levantamento aerofotogramétrico. O referencial teórico adotado envolve Morfologia Urbana e análise da paisagem, em especial, a abordagem histórico-geográfica, na distinção dos conceitos de plano e traçado urbano, assim como o de períodos evolutivos, regiões morfológicas e períodos morfológicos. Como resultado, foram identificados a região gênese da forma urbana no bairro em análise, assim como seis Períodos Evolutivos. Como conclusão, foi possível constatar uma continuidade formal nos dois períodos iniciais; entretanto, com o passar do tempo e a partir de mudanças na legislação urbanística, verificou-se que o traçado urbano nos períodos seguintes, não seguiu a mesma lógica, dimensões e formas.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem; sistema natural; sistema antrópico; forma urbana

ABSTRACT:

This article aims to identify the evolutionary periods of urban occupation in the Jardim Camburi neighborhood (Vitória/ES), as well as analyze the landscape based on the relationship between site and urban layout. This is a neighborhood whose urbanization process is associated with the implementation of an industrial, steel and port complex, starting in 1970. The methodological procedures adopted consist of bibliographical review on the study of urban form and its relationship with the site; collection of data on natural aspects; iconography; identification of the urban layout in the years 1955, 1962, 1970, 1978, 1998, 2003 and 2008, based on aerial photogrammetric survey. The theoretical framework adopted involves Urban Morphology and landscape analysis, particularly the historical-geographical approach, in distinguishing the concepts of urban plan and layout, as well as evolutionary periods, morphological regions and morphological periods. As a result, the genesis region of the urban form in the neighborhood under analysis was identified, as well as six Evolutionary Periods. In conclusion, it was possible to verify a formal continuity in the two initial periods; However, over time and with changes in urban legislation, it was found that the urban layout in the following periods did not follow the same logic, dimensions and shapes.

KEYWORDS: *landscape; natural system; anthropic system; urban form*

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo identificar los períodos evolutivos de ocupación urbana en el barrio Jardim Camburi (Vitória/ES), así como analizar el paisaje a partir de la relación entre el sitio y el trazado urbano. Se trata de un barrio cuyo proceso de urbanización está asociado a la implantación de un complejo industrial, siderúrgico y portuario a partir de 1970. Los procedimientos metodológicos adoptados consisten en: revisión bibliográfica sobre el estudio de la forma urbana y su relación con el sitio; recopilación de datos sobre los aspectos naturales; iconografía; identificación del trazado urbano en los años 1955, 1962, 1970, 1978, 1998, 2003 y 2008, basada en un levantamiento aerofotogramétrico. El marco teórico adoptado incluye la Morfología Urbana y el análisis del paisaje, especialmente el enfoque histórico-geográfico, distinguiendo los conceptos de plan y trazado urbano, así como los de períodos evolutivos, regiones morfológicas y períodos morfológicos. Como resultado, se identificó la región génesis de la forma urbana en el barrio analizado, así como seis Períodos Evolutivos. Como conclusión, se constató una continuidad formal en los dos períodos iniciales; sin embargo, con el paso del tiempo y debido a cambios en la legislación urbanística, se verificó que el trazado urbano en los períodos posteriores no siguió la misma lógica, dimensiones y formas.

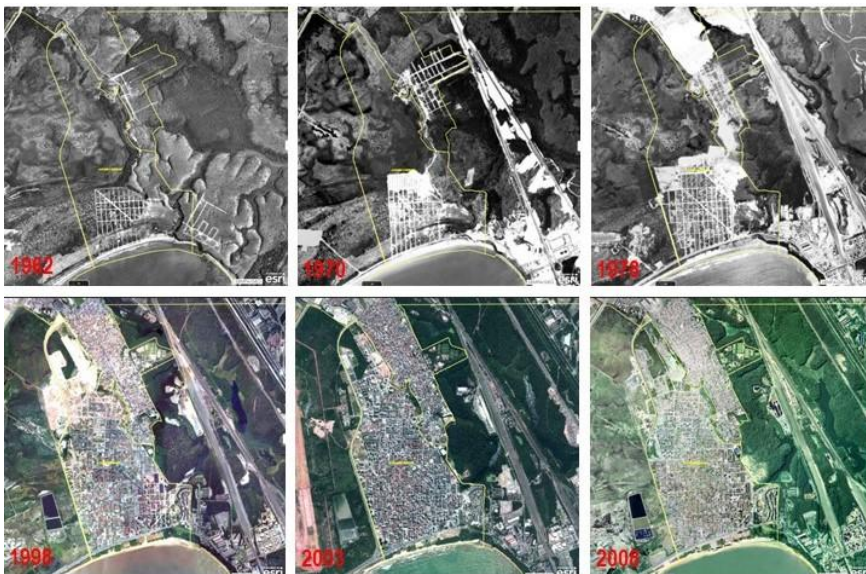
PALABRAS CLAVE: *paisaje; sistema natural; sistema antrópico; forma urbana.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da sociedade brasileira na escala tempo/espaço, no contexto da urbanização e configuração das cidades, conforme apontam Limonad (2008 e 2011), é tratado como um crescimento quantitativo do tecido urbano. Neste contexto podemos aferir que tornar urbano e/ou urbanizar significa introduzir na paisagem algo que antes não existia e que a transforma. Aziz Ab'Saber (2003, p.9), defende que a paisagem é uma herança de processos fisiográficos e biológicos, além de simbolizar o “patrimônio coletivo dos povos que, historicamente, a herdaram como espaço de atuação de suas comunidades”. Deste modo, este artigo tem como objetivo identificar os períodos evolutivos de ocupação urbana no bairro Jardim Camburi (Vitória/ES), assim como analisar a paisagem a partir da relação entre sítio e traçado urbano, entre os anos de 1950 e 2010.

O bairro Jardim Camburi está localizado na região continental do município de Vitória (ES), região cuja urbanização está associada à implantação do complexo industrial, siderúrgico e portuário, a partir de 1970. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste artigo, consistem em: revisão bibliográfica acerca do estudo da forma urbana e a relação desta com o sítio, em auxílio à interpretação da paisagem urbana; coleta de dados sobre o sítio (o modelado do relevo, tipo do solo, corpos d'água e vegetação), e iconografia (fotografias, mapas); identificação do traçado urbano nos anos de 1962, 1970, 1978, 1998, 2003 e 2008 (Fig. 01), com base em levantamento aerofotogramétrico disponibilizada pela municipalidade (Vitória, 2023).

Figura 1 - Mosaico de levantamento aerofotogramétrico do bairro Jardim Camburi, nos anos de 1962, 1970, 1978, 1998, 2003 e 2008.



Fonte: Vitória (2023).

O intuito de identificar os períodos evolutivos no bairro Jardim Camburi, consiste em compreender a relação entre o sítio e o traçado urbano, enquanto ato de planejamento (visto que ele é oriundo, predominantemente, de loteamentos regulares), mas também a relação que é estabelecida entre o modelado do relevo e implantação de vias, quadras e lotes (a qual entendemos que são itens que compõem a essência da paisagem urbana). A escolha deste bairro se deve à importância histórica da região continental do município de Vitória, principalmente após a transferência e instalação do complexo industrial, siderúrgico e portuário, a partir da década de 1960/70, fator que impulsionou o vetor de expansão urbana para aquela região. Cabe lembrar que, conforme Costa e Netto (2015, p.66), “a composição da paisagem urbana é resultante do processo de ocupação territorial, consequente da eleição de determinada localidade para a implantação dos núcleos urbano no sítio natural”, e que para Fernandes (2013), o estudo do traçado urbano a partir da sua relação com o sítio é compreender que este é tanto um agente formador ou deformador de malhas. Para realizar o estudo do traçado urbano, no âmbito da Morfologia Urbana, é importante compreender a noção de historicidade, mas também a diferença entre os conceitos de períodos históricos, períodos evolutivos e processos morfológicos.

Deste modo, este artigo está estruturado neste capítulo introdutório, com definição do objetivo geral, temática e procedimentos metodológicos adotados no levantamento de dados e análise de elementos do sítio e traçado urbano na área de estudo. Posteriormente é apresentado o enquadramento teórico acerca da Morfologia Urbana e Análise da Paisagem, em especial a abordagem histórico-geográfica, na distinção dos conceitos de plano e traçado urbano (elementos e modo de análise), assim como na distinção conceitual entre períodos evolutivos, regiões morfológicas e processos morfológicos. No capítulo denominado ‘Os Períodos Evolutivos no bairro Jardim Camburi’, é realizada tanto uma contextualização nos elementos naturais presentes na pré-urbanização e são apresentados dados que auxiliam a compreensão dos motivos que levaram à ocupação da região, quanto a identificação e breve caracterização dos períodos evolutivos do traçado urbano no bairro. Por fim, são dispostas considerações acerca da temática e discussão dos resultados obtidos.

A IDENTIFICAÇÃO DOS PERÍODOS EVOLUTIVOS COMO MÉTODO DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA

Observar a história da cidade serve para o exame tanto do processo quanto das pessoas que a construíram, conforme Meneguetti (2016), onde a identificação e análise dos componentes edificados, os processos e atores envolvidos nos permitem analisar a paisagem urbana desde a sua gênese até suas transformações mais recentes. Para a autora, no campo da arquitetura e urbanismo, observar a

história da cidade passa por investigar o produto físico resultante dos processos sociais, econômicos e políticos, ou seja, uma análise da forma urbana, no exame de seus componentes (vias, quadras, edificações, espaços livres, monumentos etc.). Neste contexto, a paisagem urbana é tanto processo quanto produto, “fruto da relação dialética com as ações sociais, que se concretizam em manifestações físico-espaciais, culturais, históricas e econômicas, necessariamente impregnadas na forma urbana” (Silva, 2016, p.120), onde perceber sua transformação é lidar com sobreposição de camadas temporais de períodos que são evolutivos e dinâmicos. Para Netto e Costa (2016), a análise da paisagem urbana no século XXI deve ser transicional, multidimensional e interdisciplinar, capaz de compreender a complexidade do todo, mas também a particularidade das partes e relações estabelecidas. É neste contexto que este artigo se propõe a analisar a paisagem urbana por meio de abordagem metodológica proveniente da morfologia urbana, em especial, a análise dos períodos evolutivos, a fim de compreender as épocas e características distintas de construção da cidade, aliada à percepção ambiental da transformação da paisagem.

A expressão morfologia tem origem na biologia durante o século XIX, sendo a mesma utilizada inicialmente por Johann Wolfgang von Goethe (Oliveira e Monteiro, 2014), é utilizada para designar o estudo da configuração e estrutura exterior de um objeto, e enquanto ciência interliga a forma aos fenômenos que lhe dão origem (Lamas, 2017). Contudo, visto o sentido abstrato e generalista da expressão, esta passou a ser aplicada em outras áreas, como por exemplo no estudo de áreas urbanas. A Morfologia Urbana consiste na “ciência que estuda a forma física das cidades, bem como os principais atores e processos de transformação urbana que moldam essa forma” (Oliveira, 2018, p.9). E, a Forma Urbana, de acordo com Costa e Netto (2015), alude à estrutura física ou edificada sobre o sítio, mas também às pessoas e aos processos que as moldam, e a mesma “só pode ser compreendida a partir da história, porque os elementos que as compõem tem origem social e estão sempre em transformação e substituição formal” (Moudon, 1997, in Costa e Netto, 2015, p.35).

Cabe destacar que a Morfologia Urbana não tem a ambição de descrever completamente a dinâmica da cidade, conforme Scheer (2022), mas sim, sugerir como esta é correlacionada com outras dinâmicas e condições particulares, como por exemplo, agentes políticos, sociais, econômicos, mobilidade e ecologia. Aponta ainda que, o campo desta está centrado em “descrever, definir e teorizar um único segmento do conhecimento urbano (a forma e a mudança formal), e sugerir como esse conhecimento é inserido em relacionamento específicos com outras dinâmicas e condições em um lugar em particular” (Scheer, 2022, p.3).

É oportuno, portanto, realizar a distinção de alguns conceitos como o de plano urbano e tecido urbano, assim como os de períodos históricos, períodos evolutivos e períodos morfológicos. O plano urbano “representa a lógica de

ocupação do território, é a forma de organização do espaço em relação à topografia e as características naturais do sítio. São os valores e iniciativas humanas que determinam as formas refletidas no sistema viário e no parcelamento do solo em glebas e quarteirões” (Netto et al., 2014, p.31). Com relação ao tecido urbano, Coelho (2013, p.14), nos esclarece que este “exprime a realidade da cidade construída, matéria com existência real e temporal, que inclui indissociavelmente o espaço e o edificado, o público e o privado, isto é, as ruas, as parcelas, os edifícios, as infraestruturas, etc., isto é, toda a cidade física”. Estes autores apontam ainda que os elementos do tecido urbano são indissociáveis, mas que a análise em separado auxilia a leitura da realidade concreta e tridimensional dos diversos elementos.

O conceito de traçado urbano, conforme Coelho (2013), significa reduzir a tridimensionalidade do tecido urbano para o plano bidimensional, e, para Fernandes (2013), um dos pontos chaves na análise deste consiste em correlacionar o mesmo ao sítio, em especial à grafia do relevo. Para este autor, a implementação do traçado possui profunda relação com o relevo, uma vez que os elementos da paisagem (em especial os acidentes geográficos), podem constituir obstáculos que condicionam ou impedem o mesmo. O relevo, portanto, adquire protagonismo na definição da estrutura morfológica do conjunto, principalmente quando “as regras de produção do traçado são profundamente controladas por princípios de acomodação, ora adaptando ora justapondo a configuração do tecido urbano às circunstâncias do sítio e do contexto” (Fernandes, 2013, p.46).

Esse protagonismo exercido pelo relevo, para Herzog (2013), pode ser compreendido melhor quando se entende que nos sistemas naturais é o geológico que influencia tanto os padrões quanto os processos, sejam estes urbanos e/ou naturais, ao longo da história das cidades. Para a autora, o relevo não é apenas um elemento formal, uma vez que apresenta uma variedade de feições geomorfológicas, que refletem as dinâmicas interna do planeta, decorrentes de sucessivas mudanças climáticas, das características litológicas e estruturais (os tipos de rochas que formaram os solos), e dos fatores biológicos. É importante lembrar neste âmbito, que os processos urbanos são “todos os aspectos do desenvolvimento físico e social de uma cidade, que têm o território como suporte e recurso para a satisfação de suas necessidades materiais e sociais” (Schutzer, 2012, p.42). E, os processos naturais dizem respeito a “todos os processos físicos que envolvem o funcionamento da paisagem, nas relações entre solo, subsolo, dinâmica climática, cobertura vegetal, vida biológica, em maior ou menor estágio de alteração antrópica” (Schutzer, 2012, p.42).

Herzog (2013), ressalta que as atividades humanas (denominada de antrópica), afetam diretamente os fatores abióticos e bióticos, uma vez que vivemos em sistema interdependente do ecológico e social. A autora aponta ainda que, a

reflexão entre ambiente natural e ambiente urbano indica uma necessidade de convergir categorias de análise de modo interativo, para que as características naturais não sejam apenas um preâmbulo enciclopédico nos planos de intervenção dos planejadores ao tratar do desenho urbano, e Del Rio (1990) complementa que este consiste na dimensão físico-ambiental que interage com as vivências, percepções e ações cotidianas da população. Coelho (2013), nos lembra que qualquer que seja o conceito de cidade, este está diretamente relacionado ao modo como ela é construída. Ressalta ainda, que devemos saber ler e interpretar onde vivemos o nosso cotidiano, seja nos elementos que nos parecem consolidados e temos como referência, quanto em fenômenos emergentes.

Com relação à distinção entre os conceitos de períodos históricos, períodos evolutivos e períodos morfológicos é importante ter em mente que a interpretação da cidade deve compreender duas abordagens, uma relativa a “sua forma num momento determinado e a sua justificação a partir dos acontecimentos que lhe deram origem” (Coelho, 2013, p.24). Isto, significa que a reflexão sobre a forma da cidade está na comparação de um antes e depois sobre a formação do tecido urbano. Ou seja, cabe distinguir que “os períodos históricos são demarcados por fatos nos quais é possível a delimitação de datas” (Netto et al., 2014, p.32), e que “nos períodos evolutivos, a definição de datas deve ser convencionada de acordo com a documentação, fotos, mapas ou quaisquer indício físico que sirva de base para as investigações” (Netto et al., 2014, p.32).

A periodização morfológica é um ciclo, “qualquer período da história cultural de uma área que dá origem a um núcleo urbano” (Costa e Netto, 2015, p.125). Deste modo, é necessário “ajustar a delimitação de datas de um período morfológico, convencionando seu início e fim” (Netto et al., 2014, p.32), e ter em mente que este representa determinada característica formal composta por fatos históricos e sua materialização. Cabe lembrar que “todas as paisagens urbanas são históricas, carregando o selo, marca do seu período de origem e de qualquer período subsequente” (Costa e Netto, 2015, p.122), o que remete que as inovações introduzidas nestas refletem as “características econômicas, sociais, políticas e culturais de ascensão e declínio de determinadas formas” (Netto et al., 2014, p.32). Ou seja, a ação humana consiste num “entrelaçado e ambíguo realizado por indivíduos, pela sociedade local e pelas forças mais usuais abrangentes reunidas para consolidar a forma física das cidades” (Costa e Netto, 2015, p.122), e que o processo formativo da paisagem urbana está em constante evolução e produz um caráter no “sentido amplo de acumulação, adaptação, transformação e substituição das formas” (Costa e Netto, 2015, p.121).

Outro conceito importante neste âmbito é o de Região Morfológica, que pode ser compreendido como “um agrupamento espacial de formas assentadas pelo princípio geográfico de semelhança, que leva à produção de grandes regiões” (Costa e Netto, 2015, p.125), em termos de caráter e personalidade próprios. Ou seja, estas regiões morfogenéticas são “grupos de formas especiais existentes na paisagem urbana, baseadas em similaridades de implantação, definidas de forma simples nos termos de um plano urbano global” (Costa e Netto, 2015, p.124). A definição destas regiões passa por compreender que a periodização morfológica é um ciclo com “formas materiais distintas na paisagem cultural para atender as particularidades socioeconômicas dessa sociedade” (Costa e Netto, 2015, p.125). Cabe ainda ressaltar que a morfogênese é “o estudo do processo morfológico da paisagem urbana existente, disposto em movimento sustentado pelas exigências funcionais e ambientais das sociedades urbanas locais e por indivíduos ao longo do tempo” (Costa e Netto, 2015, p.124). E, que processo morfológico pode ser entendido como “qualquer frequência causal que leva a definição ou alteração de qualquer característica da paisagem urbana e/ou na sua composição recíproca” (Costa e Netto, 2015, p.125).

Estas definições nos permitem compreender que “a morfologia urbana nos serve para analisar o legado da ação humana sobre o território e desta maneira potencializa refletir sobre como provocar deslocamentos convenientes a um querer socialmente construído”(Silva, 2016, p.121). Cabe ainda ponderar que “a grande contribuição oferecida pela morfologia urbana é a possibilidade de leitura das paisagens urbanas, cujos métodos permitem reconstruir o processo formativo e transformativo das cidades”(Costa e Netto, 2015, p.155). É a partir destas análises da construção do passado, associadas a outras, que nos permitem compreender as tendências futuras e assim ajustar os rumos de gestão e planejamento urbano, por exemplo.

OS PERÍODOS EVOLUTIVOS NO BAIRRO JARDIM CAMBURI (VITÓRIA/ES).

O bairro Jardim Camburi está localizado na região continental do município de Vitória (ES), faz divisa com o terreno do aeroporto a leste, com o município da Serra a norte/noroeste, com o complexo industrial, siderúrgico e portuário a oeste e a praia ao sul. Cabe destacar que a região continental, quanto ao sistema natural e em especial quanto ao relevo e suas feições, é caracterizada como uma morfoestrutura como Depósitos Sedimentares, e quanto à região da Praia de Camburi como piemontes inundados. Sendo que estes dois domínios morfoestruturais constituem a paisagem característica ao longo de todo litoral do estado, e conforme Albino, Girardi e Nascimento (2006), faz parte da Formação Barreiras, apresentando trechos com falésias (vivas e mortas) e terraços de

abrasão marinha. Os autores apontam ainda que na região da Praia de Camburi a compartimentação fisiográfica da unidade de paisagem não pode ser desassociada do movimento da maré, visto que a ação das ondas nos terraços de abrasão na antepraia e plataforma continental dissipam a energia das ondas criando uma variação topográfica sazonal. Ou seja, a ação hidrodinâmica das marés atua na retenção de sedimentos na antepraia por meio dos cordões arenosos (Fig. 02).

Figura 2 - Região da Praia de Camburi pré-urbanização, em 1955.



Fonte: Vitória (2023), adaptado pelas autoras.

Esta ação hidrodinâmica das marés atua como armadilha de retenção para sedimentos na antepraia (o cordão arenoso), e está relacionado à tipologia concava da praia. É imprescindível compreender que nesta região, a velocidade e intensidade da maré associadas ao tipo de solo arenoso resultam numa região suscetível a inundações temporárias devido à percolação da água, principalmente na maré alta, assim como períodos de frente fria e convergência ortogonal das ondas (ALBINO et al., 2006). É importante salientar que, associado a isto, pela região da Praia de Camburi ser uma planície costeira limítrofe a um tabuleiro costeiro, há a formação de área relativamente plana (trecho de cordão arenoso), onde desembocava córrego (Fig. 2 e 3) proveniente da encosta da Formação Barreiras, mas que atualmente, devido ao modo como ocorreu a ocupação urbana e industrial, houve descaracterização, como será exemplificado ao longo deste capítulo.

Figura - 3 Vista do Córrego Camburi, em destaque a construção de edificação de apoio aos banhistas por volta da década de 1940/50.

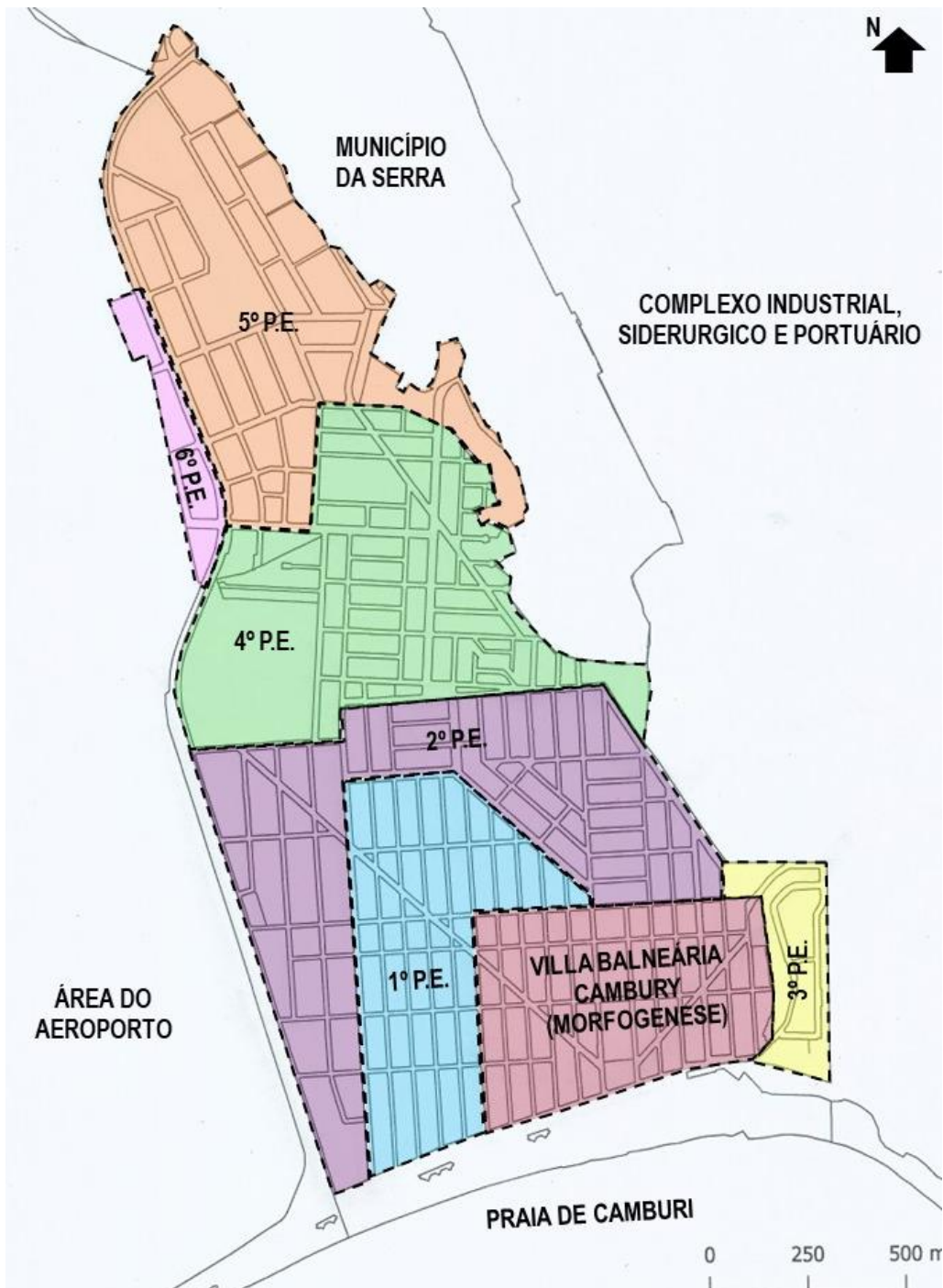


Fonte: Acervo pessoal de Sandro Chiabai Paterlini.

A ocupação urbana nesta região tem origem por volta do início da década de 1930, período em que o tecido urbano do município de Vitória passava por remodelação e ampliação, especialmente na direção dos atuais bairros da Praia do Suá e Praia do Canto, ainda localizados na porção insular. A caracterização dos Períodos Evolutivos de ocupação por meio da identificação do traçado urbano (Fig. 4) foi realizada, principalmente, com base na análise do levantamento aerofotogramétrico (Fig. 01), disponibilizado pela municipalidade (Vitória, 2023). Foram identificados sete Períodos Evolutivos (P.E.), sendo: a morfogênese relativa à implantação do Loteamento Villa Balneária Cambury, entre os anos 1927 e 1962); o 1º P.E. entre os anos 1962 e 1970; o 2º P.E. entre os anos 1970 e 1978; o 3º P.E. entre os anos 1978 e 1986; o 4º P.E. entre os anos 1986 e 1998; o 5º P.E. entre os anos 1998 e 2003; o 6º P.E. entre os anos 2003 e 2008.

A gênese do traçado corresponde ao trecho referente ao Loteamento Villa Balneária Cambury (Fig. 5), e que pautou o traçado tanto da 1º quanto 2º P.E. posteriormente. Neste projeto foram propostas 52 quadras, sendo três destinada às praças, uma destinada a área esportiva (com implantação de campo de futebol), e 45 quadras de tamanhos e formatos variados com total de 746 lotes, e três quadras com identificação ilegível. O loteamento é locado junto a foz do Rio Camburi, no qual seu desenho ignora a presença do mesmo no momento de locação das quadras (Fig. 4), e sobre os supracitados cordões arenosos.

Figura 4 - Identificação dos Períodos Evolutivos no bairro Jardim Camburi.



Fonte: elaboração dos próprios autores.

Ao analisar o traçado urbano observa-se o estabelecimento da praça Coronel Leôncio Vieira Rezende como ponto central, sendo a mesma locada de frente para a praia reforçando o caráter de balneário pretendido para a região. É interessante notar que as quadras ao norte desta praça e ela possuem largura superior as demais. Outra característica marcante do traçado é a inserção de duas vias em diagonal a partir da Praça Coronel Leôncio Vieira Rezende. Sendo que

uma destas vias em diagonal, a atual av. Ranulpho Barbosa dos Santos, foi utilizada como referência para o traçado de outras vias, tanto no 1º e 2º P.E. Observam-se que com a implantação do traçado urbano no 1º e 2º P.E., a praça Coronel Leôncio Vieira Rezende deixa de ser o elemento central do desenho urbano. Porém, nota-se que ela continua a ser o único espaço livre do bairro junto à praia, visto que os demais são implantados do lado oposto da Av. Dante Michelini, configurando um parque linear ao longo da praia.

Figura 5 - Anteprojeto do Loteamento Villa Balneária Cambury. Em destaque verdes identificação das três praças, em destaque amarelo área destinada à campo de futebol, e em destaque vermelho três quadras com identificação ilegível.

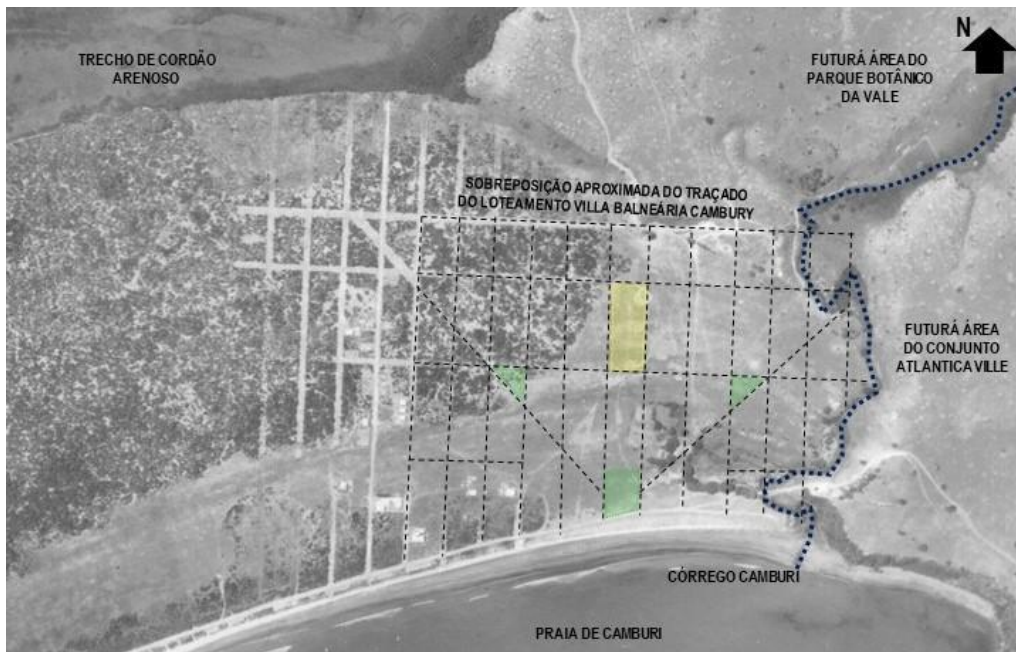


Fonte: Mendonça (1995, p.35).

É importante salientar que o projeto e implantação do loteamento Villa Balneária Cambury foi aprovado antes da Lei Federal 6.766/1979 (Brasil, 1979), que passou a legislar sobre as responsabilidades do loteador, regulamentando a obrigatoriedade de execução de obras de infraestrutura urbana. Deste modo, a implantação do loteamento Villa Balneária Cambury ocorreu de maneira gradativa com abertura de vias e delimitação de algumas quadras principalmente e junto à orla da praia. Considerando a data de aprovação do projeto, a região não fora ocupada de modo expressivo nos primeiros 25 anos (Fig. 6). Bartole e Teixeira (2008), ressaltam que a ocupação urbana desta região ocasionou uma

série de problemas morfodinâmicos, como erosão, desmatamento de trechos de restinga e manguezal, e a degradação de corpos hídricos.

Figura 6 - Região da implantação do loteamento Villa Balneária Cambury, em 1955. Em destaque tracejado localização aproximadas das vias que se sobrepõem ao curso do Córrego Camburi, em verdes identificação das três praças, e em amarelo área destinada à campo de futebol.



Fonte: Vitória (2023), adaptado pelas autoras.

É possível especular que um dos fatores da implantação gradativa do loteamento Villa Balneária Cambury se deve à alta oferta de lotes, como por exemplo pela implantação do Novo Arrabalde na área insular a partir de 1920. Mendonça (1995), identificou nos discursos de Henrique de Novaes e de Saturnino de Brito que seria preferível a utilização de terrenos na ilha, ao invés de utilizar a planície continental, para não submeter a população à fadiga diária de grandes deslocamentos, visto que o centro de atividade comerciais e de serviços se encontravam junto ao núcleo fundacional do município. Freitas (2012), aponta que apesar das obras estarem concentradas na Ilha de Vitória, havia também previsão de construção de pontes e rodovias ligando a capital ao seu entorno imediato para facilitar o comércio e abastecimento, e que a Praia de Camburi, seria local destinado à estação balneária de verão, com hotéis, atividades de lazer e esportes.

Esta argumentação justificou as diversas obras de melhorias e aterros junto à ilha de Vitória, mas fez também com que a região do bairro Jardim Camburi permanecesse desocupada até por volta da década de 1960, quando são iniciadas as obras de construção do atual complexo industrial, siderúrgico e portuário ligado a exportação e beneficiamento de minério de ferro na Ponta de Tubarão.

Freitas e Souza (2010) ressaltam que esta decisão de transferência da atividade portuária foi postergada durante muitos anos, mas com o volume do crescimento da exportação do minério de ferro, associado aos problemas de assoreamento da Baía do Espírito Santo e maior calado dos navios, era exigido local mais profundo, tornando a transferência inevitável.

É neste contexto, que a ocupação urbana ultrapassou os limites da ilha e ganhou volume pela implantação de conjuntos habitacionais nos bairros de Jardim da Penha, Goiabeiras Bairro República e Jardim Camburi (e corresponde ao 1º P.E.). Freitas e Souza (2010), apontam ainda, que durante o Estado Militar (em especial entre as décadas de 1950 e 1980), a implantação do complexo industrial, siderúrgico e portuário na Ponta de Tubarão, foi prioridade de investimento para que correspondesse ao desenvolvimento econômico pretendido. Cabe destacar que nestes bairros houve um predomínio inicial da construção de residências unifamiliares (Fig. 7 e 8), mas que com o passar do tempo esta situação se modificou para o predomínio de edifícios e conjuntos habitacionais multifamiliares, especialmente após a implantação e consolidação do complexo industrial, siderúrgico e portuário.

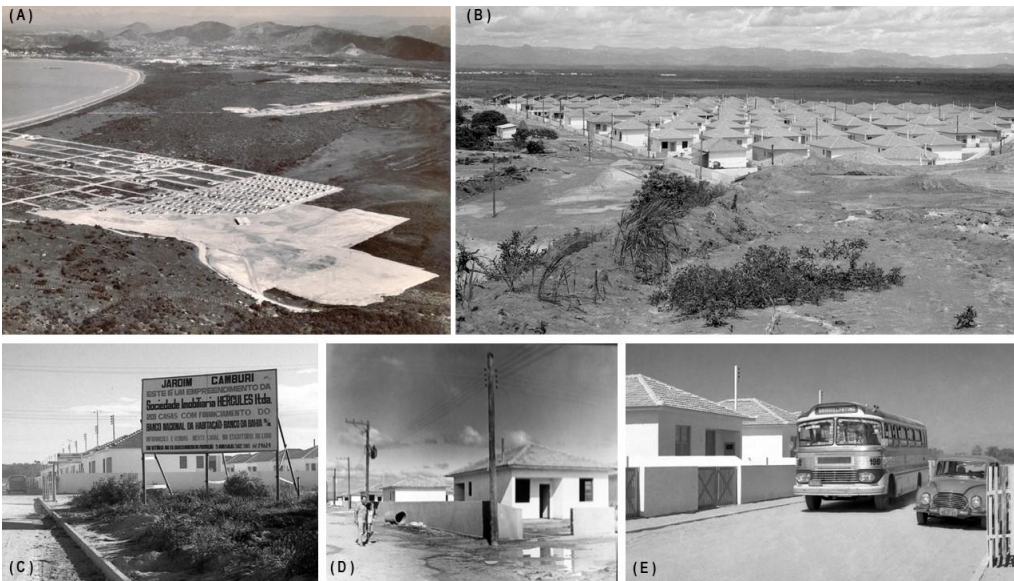
Figura 7 - Destaque para o traçado urbano no bairro Jardim Camburi, na década de 1970.



Fonte: A (Neves, 1970? a), B (Neves, 1970? b); C (Neves, 1970? c).

É interessante notar que a ocupação urbana inicial do bairro de Jardim Camburi vai ao encontro do padrão das áreas residenciais característica do século XX (Fig. 8), que consiste muitas vezes em um traçado “ortogonal, com lotes regulares, contendo uma pequena edificação de um ou dois pavimentos, implantada no meio do lote com recuos frontais, laterais e de fundos” (Costa e Netto, 2015, p.31). Tal característica, enquanto padrão morfológico, está atrelado à ideologia do sanitarismo, período que remete às necessidades de insolação e ventilação naturais, o que vem a corroborar com a noção de que “a forma urbana traduz o registro da história das ações civis e públicas e que delas pode-se apreender qual ideologia norteou a ocupação do solo ao longo do tempo” (Costa e Netto, 2015, p.32).

Figura 8 - Destaque para o traçado urbano e construção do conjunto residencial unifamiliar no bairro Jardim Camburi na década de 1970.



Fonte: A (A Gazeta, 2022a), B (A Gazeta, 2022b); C (A Gazeta, 2022c); D (A Gazeta, 2022d); E (A Gazeta, 2022e).

O 1º P.E., é compreendido entre os anos de 1962 e 1970, onde ocorreu a expansão do traçado urbano do Loteamento Villa Balneária Cambury, mantendo continuidade do direcionamento e dimensões das vias e quadras (cerca de 34 no total). É neste período que foram construídas as casas do conjunto residencial unifamiliar (Fig. 7 e 8), em sete quadras situadas na porção mais ao norte na época, incentivando a ocupação para além da frente da praia. Neste trecho foram locadas três praças de menor dimensão e que, aparentemente, seriam áreas residuais.

O 2º P.E. é identificado entre os anos de 1970 e 1978, onde a implantação do traçado urbano começou a transformar a dimensão e orientação das quadras, mas manteve a dimensão e direcionamento das vias. É possível observar dois traçados urbanos distintos. Um a oeste no 1º P.E., onde verifica-se uma continuidade das vias, sendo que a dimensão das quadras se torna superior ao implantado até então. Esta área tem como limite de expansão a área do aeroporto. A locação da Avenida José Maria Vivacqua Santos condicionou a forma de sete quadras com dimensões e formatos, que fogem do retangular predominante. O outro traçado, ao norte/leste, em relação ao 1º P.E. apresenta uma semelhança maior em relação as dimensões e direcionamento das quadras. Entretanto, há que se destacar, que pela primeira vez foram locadas quadras, cuja maior dimensão está no sentido leste/oeste, ou inclinadas conforme a Av. Ranulpho Barbosa dos Santos (elemento marcante que faz referência à morfogênese no loteamento Villa Balneária Cambury). Uma característica marcante da implantação do traçado urbano no 2º P.E é que ele se deu sob área alagável do cordão arenoso, por meio do binômio de desmonte de parte da encosta da Formação Barreiras adjacente e com direcionamento deste material para aterro desta área (Fig. 9.)

Figura 9 - Vista da implantação do traçado urbano no 2º Período Evolutivo, onde este tem como característica o aterramento de parte do cordão arenoso e área alagável (A), e desmonte da encosta da Formação Barreiras (B), por volta do início da década de 1970.



Fonte: A (Scontent, 202? a), B (Scontent, 202? b).

O 3º P.E., é identificado entre os anos de 1978 e 1986, referente à implantação do conjunto residencial multifamiliar Atlântica Ville. Apesar de ser uma área relativamente pequena dentro do contexto do bairro atualmente, este tornou-se um marco na paisagem, uma vez que possui um traçado urbano completamente distinto, por serem dispostas vias e quadras que acompanham o formato do relevo (Fig. 10). Há que se destacar, também, que é a única área construída no topo da Formação Barreiras com residências e que fazem parte do município de Vitória.

Figura 10 - Vista do Córrego Camburi, década de 1970. Em destaque (A), no topo do vale local onde será futuramente instalado o Parque Botânico da Vale e córrego represado formando uma lagoa artificial; em (B), no topo do vale local onde será implantado o conjunto residencial multifamiliar Atlântica Ville; em (C), vista do Córrego Camburi em primeiro plano e perfil da praia ao fundo.



Fonte: A (Neves, 1970? d), B (Neves, 1970? e); C (Neves, 1970? f).

O 4º P.E., é identificado entre os anos de 1978 e 1998, e considerado como aquele que irá romper a continuidade com o traçado urbano na área do cordão arenoso em relação à morfogênese do loteamento Villa Balneária Cambury. Isto ocorre visto que há alteração tanto no direcionamento quanto tamanho das vias e quadras. Cabe destacar que neste período evolutivo são identificadas glebas

destinadas à implantação de conjuntos habitacionais multifamiliares, porém de caráter oposto ao de Atlântica Ville, anteriormente citado, como é o caso do conjunto Residencial Club (fechado, com edifícios e vias internas com disposição ortogonal); mas também semelhante como é o caso do Conjunto Village, que possui traçado ortogonal mas é implantado no estilo quadra aberta com espaços livres como unidades de vizinhança (Fig. 11, 12 e 13).

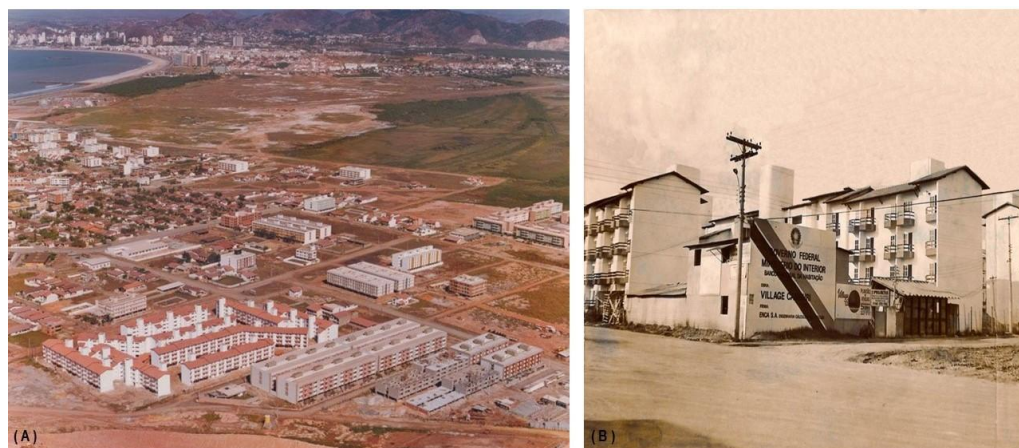
Figura 11 - Vista da implantação do traçado urbano no 4º Período Evolutivo. 01 - Conjunto Residencial Club. 02 - Conjunto Village. 03 – área destinada a construção de três praças e edificação para abrigar igreja católica. Em destaque laranja Rua José Celso Cláudio.



Fonte: NEVES (1986).

Cabe destacar que durante esta época foram construídos outros conjuntos multifamiliares nas regiões referentes aos períodos evolutivos anteriores (Fig. 12), o que modificou a paisagem do bairro, marcada até então, por casas simples, de pequeno porte e que em essência seguiam o estilo daquelas construídas no conjunto habitacional do 1º P.E. Outro ponto importante a se destacar é que a região tem implantação sobre área alagável do cordão arenoso e que mesmo com aterro realizado, ainda inundava (Fig. 13).

Figura 12 - Vista do bairro Jardim Camburi ao final da década de 1980 (A), em primeiro plano os blocos edificadas do Conjunto Village (B).



Fonte: A (Vitória, 20023a). B (A Gazeta, 2022f).

Figura 13 - Vista da via em frente ao conjunto Residencial Club (A). Vista da área destinada a uma das três praças e igreja católica (B).



Fonte: A (A Gazeta, 2022g). B (A Gazeta, 2022h).

Conforme pode ser observado na Fig. 14, de 1989, as vias do bairro permaneciam sem calçamento, sendo que algumas não estavam plenamente abertas, mesmo nas áreas dos períodos anteriores. Nota-se também, a presença de lotes sem edificações, especialmente na Av. Dante Michelini junto à orla, na Av. Av. José Maria Vivacqua Santos, e a oeste da Rua José Celso Cláudio (trecho referente ao loteamento Villa Balneária Cambury).

Quanto à implantação do traçado, é possível observar uma rotação na direção das vias e quadras, resultando num trecho onde são locadas três praças e terreno destinado à igreja católica, em área limítrofe a do 2º P.E. (item 5, Fig. 15). Apesar desta rotação, o desenho do traçado urbano mantém a ortogonalidade, notando-se, porém, uma maior variedade nos tamanhos e direcionamento das quadras. Observa-se também, a locação de uma via diagonal (em tracejado verde claro, Fig. 15), sem contar, no entanto, com a mesma angulação, se comparada à Av. Ranulpho Barbosa dos Santos, citada anteriormente.

Figura 14 - Vista aérea panorâmica do bairro Jardim Camburi em 1989, com a identificação do Períodos Evolutivos. 01 – Praça Coronel Leôncio Vieira

Rezende. 02 - Conjunto residencial unifamiliar implantado na década de 1970.
03 - Conjunto Residencial Club. 04 - Conjunto Village



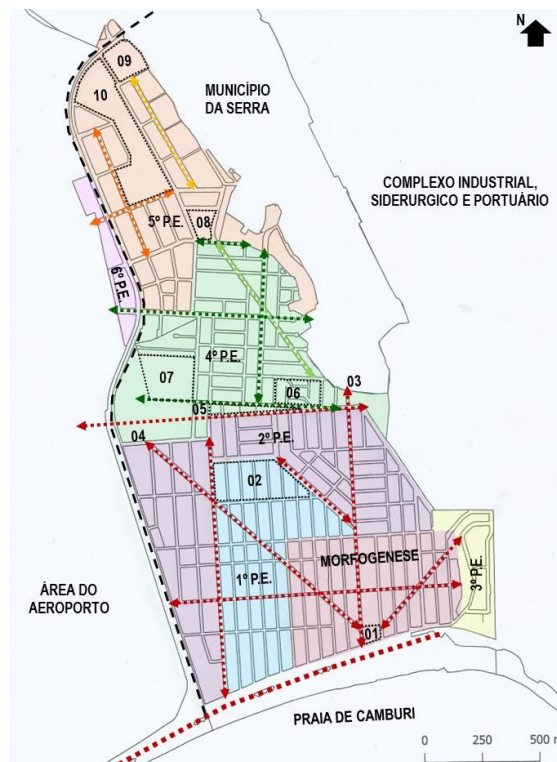
Fonte: Neves (1989), adaptado pelas autoras.

Quanto à implantação do traçado, é possível observar uma rotação na direção das vias e quadras, resultando num trecho onde são locadas três praças e terreno destinado à igreja católica, em área limítrofe a do 2º P.E. (item 5, Fig. 15). Apesar desta rotação, o desenho do traçado urbano mantém a ortogonalidade, notando-se, porém, uma maior variedade nos tamanhos e direcionamento das quadras. Observa-se também, a locação de uma via diagonal (em tracejado verde claro, Fig. 15), sem contar, no entanto, com a mesma angulação, se comparada à Av. Ranulpho Barbosa dos Santos, citada anteriormente.

O 5º P.E., entre os anos de 1998 e 2003, corresponde à fase de implantação do loteamento denominado Santa Terezinha, aprovado pela municipalidade em 1996, ou seja, sob a égide da Lei Federal 6.766/1979. Observa-se que em função da delimitação e forma da gleba inicial a ser loteada, o traçado urbano é o mais distinto em relação aos demais, seja quanto ao direcionamento, seja quanto à dimensão das vias e quadras. Uma característica marcante é a delimitação da área de preservação, da REVIS Mata Paludosa (antigo Parque da Fazendinha), e da destinação de área para a praça Nilze Mendes (sendo a maior do bairro). É neste período que a Av. José Maria Vivacqua Santos foi totalmente implantada e passou a configurar uma importante ligação entre os municípios de Vitória e Serra, visto que até então, o único acesso entre estes, no bairro, acontecia apenas pela Rua José Celso Claudio.

Figura 15 - Sobreposição dos Períodos Evolutivos as linhas de força do traçado urbano. 01 – Praça Coronel Leônicio Vieira Rezende. 02 – área de implantação conjunto residencial unifamiliar. 03 - Rua José Celso Cláudio. 04 - Av. Ranulpho Barbosa dos Santos. 05 – Conjunto de praças e área destinada à

Igreja Católica. 06 – Conjunto Village Camburi. 07 – Conjunto Residencial Club. 08 – Praça Nilze Mendes. 09 – REVIS Mata Paludosa (antigo Parque da Fazendinha). 10 – Área de Proteção Natural.



Fonte: elaboração dos próprios autores.

O 6º e último Período Evolutivo identificado, entre os anos de 2003 e 2008, é o de menor extensão, sendo o mesmo uma área residual entre a área do aeroporto e a Av. José Maria Vivacqua Santos. Observa-se que contém apenas quatro quadras de tamanhos distintos, cujas vias possuem continuidade em relação aos do 5º P.E. Cabe destacar que por ser uma das regiões mais recentes do bairro em termos de traçado urbano, esse se encontra parcialmente desocupada (Fig. 15).

Ao longo do processo de levantamento de dados e análise das fotografias e do levantamento aerofotogramétricos, a fim de compreender a relação entre o traçado urbano e o sítio, e posteriormente, a fim de identificar a área morfogenética e os seis períodos evolutivos, pode-se observar uma continuidade formal entre o 1º e 2º Período evolutivo, e que estes são uma extensão do traçado inicial do Loteamento Villa Balneária Cambury. Ou seja, o núcleo de fundação consiste no arquétipo do programa, conforme Trindade (2013), e concentra os elementos, dimensões e formas imprescindíveis, além de significar a intenção dos valores da sociedade daquela época, que via o bairro como local de veraneio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo do artigo consistia em identificar os períodos evolutivos de ocupação urbana no bairro Jardim Camburi (visto a importância histórica da região continental a partir da década de 1960/70 com a transferência e instalação do complexo industrial, siderúrgico e portuário), foi possível analisar a paisagem do mesmo por meio da relação entre o traçado urbano e o sítio ao longo do tempo. O método de análise da paisagem urbana proveniente da abordagem histórico-geográfica presente no campo da morfologia urbana, neste âmbito foi oportuno pois possibilitou averiguar os dados históricos relevantes que contribuíram para o início da ocupação da região e correlacioná-los com os princípios do urbanismo vigente na época. Outro ponto relevante neste método foi a distinção entre período histórico de período evolutivo, o que possibilitou inferir os períodos evolutivos de implantação do traçado urbano, e assim identificar as características de desenho, dimensão e posicionamento de vias e quadras, assim como distinguir lógicas de continuidade, de complementariedade, mas também distintas ao reconhecer a relação tempo e área. A decisão de avaliar o traçado urbano auxiliou neste quesito, visto que por ser tratar de um bairro de áreas mais consolidadas que outras em termo de ocupação, avaliar o tecido urbano compreenderia outra abordagem tanto de percepção (por incluir as edificações), mas também de escala espacial.

Apesar de ter sido realizada apenas demarcação dos períodos evolutivos relativos ao traçado urbano, um desdobramento possível de estudo é a demarcação dos períodos morfológicos e regiões morfológicas (e a caracterização de cada um em termos de processos morfológicos, em estudo mais detalhado), que possa envolver também, a abordagem tipológica processual e a sintaxe espacial para compreender melhor o plano urbano do bairro Jardim Camburi. Cabe ressaltar que um dos pontos marcantes neste estudo foi a compreensão de que na abordagem histórico-geográfica, a cidade é tida como um fenômeno histórico, que passa por ciclos de desenvolvimento e periodicidade das formas físicas. Isso leva à reflexão de que, apesar do bairro de Jardim Camburi ser área nova em relação ao centro fundacional do município, o estudo demonstrou que o bairro possui camadas históricas e períodos morfológicos distintos quanto ao traçado urbano.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES, FAPES e CNPq pelo apoio financeiro e pela concessão de bolsas que possibilitaram a realização desta pesquisa.

Referências Bibliográficas

- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022a). Disponível em: Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/23/1967---construcao-das-primeiras-101-casas-917108.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022b). Disponível em: Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/22/1967---visao-panoramica-das-primeiras-casas-916368.jpeg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022c). Disponível em: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/22/1967---loteamento-jardim-camburi-primeiras-100-casas-do-bairro-916361.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022d). Disponível em: Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/22/1967---loteamento-jardim-camburi-primeiras-100-casas-do-bairro-916353.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022e). Disponível em: Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/22/1969---primeira-linha-de-onibus-a-passar-pelo-bairro-que-fazia-o-trajeto-bairro-de-fatima-centro-916367.jpeg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022f). Disponível em: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/23/1984---construcao-do-conjunto-habitacional-em-jardim-camburi-917110.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022g). Disponível em: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/23/1984---parque-residencial-em-jardim-camburi-917107.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- A GAZETA. **Como Jardim Camburi se transformou em um bairro com cara de cidade?** (2022h). Disponível em: <https://midias.agazeta.com.br/2022/11/23/1989---alagamento-em-jardim-camburi-917111.jpg> . Acesso em 09 out 2023
- ALBINO, Jacqueline; GIRARDI, Gisele; NASCIMENTO, Kleverson Alencastre do. **Espírito Santo**. In: MUEHE, Dieter (org.). *Erosão e Progradação do Litoral Brasileiro*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.
- BARTOLE, Célio; TEIXEIRA, Edmilson Costa. **Estudo temático: Meio Ambiente, Humanização da Cidade e Saneamento**. Planejamento Estratégico Serra Agenda 21 (2007-2027). Prefeitura da Serra, 2008.
- BRASIL. **Lei Nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979**. Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1979. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm . Acesso em 06 dez 2023
- COELHO, Carlos Dias. **O tecido: leitura e interpretação**. In: *CADERNOS DE MORFOLOGIA URBANA - Estudos da cidade: os elementos urbanos*. 1. ed. Lisboa: Editora Argumentum, 2013. cap. 1, p. 12-35.
- COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. C/Arte, Belo Horizonte; 1ª edição, 2015
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo, Editora PINI, 1990.

FERNANDES, Sérgio Padrão. **O traçado. O sítio e a forma da cidade.** In Cadernos de Morfologia Urbana - Estudos da cidade: Os Elementos Urbanos. 1ª Edição. Lisboa, Editora Argumentum. 2013. cap.1, p36 – 57

FREITAS, José Francisco Bernardino. **Da monocultura à industrialização: Vitória e o Espírito Santo do Estado Novo.** In Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras. Vera Rezende (organizadora). Niterói: Editora da UFF; Intertexto, 2012, p. 149-198

FREITAS, José Francisco Bernardino; SOUZA, Célica Ferraz de. **Os portos e a modernização das cidades brasileiras no início do século XX: Porto Alegre e Vitória.** In Diálogos: urbanismo.br. José Francisco Bernardino Freitas (org). Vitória, ES: EDUFES; Niterói, RJ: EDUFES, 2010, p.21-62

HERZOG, Cecilia Palacow. **Cidade para todos – (re)aprendendo a conviver com a Natureza.** Rio de Janeiro: Mauad X: Inverde, 2013.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da Cidade.** Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição, Lisboa, 2017.

LIMONAD, Ester. **Espaço-Tempo e Urbanização: algumas considerações sobre a urbanização brasileira.** In: Revista Cidades: A urbanização da sociedade – Vol.5, n.8. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2008. p.243-261.

_____. **Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos.** In: HAESBAERT, Rogério. et al. (org.) Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 3.ed. 1. reimp. p.145-170

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **(Trasn)Formação planejada de territórios urbanos em Vitória (ES): o Bairro Camburi.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1995

MENEGUETTI, Karin Schwabe. **Morfologia urbana: para entender as transformações urbanas.** Revista Lusófona de Morfologia Urbana. Volume 4, número 2. 2016. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/issue/view/3/4> . Acesso em: 30 nov 2023.

NETTO, Maria Manoela Grimmmler; COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; LIMA, Thiago Barbosa. **Bases conceituais da escola Inglesa de Morfologia Urbana.** Revista Paisagem e Ambiente, nº33. São Paulo, 2014

NETTO, Maria Manoela Gimmler; COSTA, Staël de Alvarenga Pereira. **Como compreender as cidades.** Revista Lusófona de Morfologia Urbana. Volume 4, número 2. 2016. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/issue/view/3/4>. Acesso em: 30 nov 2023.

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?a). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02182.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?b). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02185.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?c). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02181.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?d). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02183.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?e). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02178.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1970?f). Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02180.jpg. Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1986). Disponível em: Fonte: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20180309_fa00008292479_serra_divisa_vitori_a8623d.jpg . Acesso em 09 out 2023

NEVES, Instituto Jones dos Santos. Conteúdo Digital. (1989). Disponível em: Fonte: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_02921.jpg . Acesso em 09 out 2023

OLIVEIRA, Vitor. **Diferentes abordagens em morfologia urbana**. Contributos luso-brasileiros. Publisher: Urban Forms, 2018. Disponível em <https://vitoroliveira.fe.up.pt/pdf/diferentes-abordagens-em-morfologia-urbana.pdf> Acesso em 21/06/2023

OLIVEIRA, Vitor. MONTEIRO, Claudia. **As origens da morfologia urbana e a geografia alemã**. Revista de Morfologia Urbana, 37-46, 2014

SCHEER, Brenda. Case. **A epistemologia da morfologia urbana**. Tradução: MENEGUETTI, Karin Schwabe. Revista de Morfologia Urbana, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e00240, 2022. DOI: 10.47235/rmu.v10i1.240. Disponível em: <http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/240>. Acesso em: 10 maio 2022

SCHUTZER, José Guilherme. **Cidade e meio ambiente: a apropriação do relevo no desenho ambiental urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SCCONTENT. 202?a. Disponível em: https://scontent.fvix1-1.fna.fbcdn.net/v/t39.30808-6/262570769_10224253562861048_4963048277044433607_n.jpg?_nc_cat=102&ccb=1-7&_nc_sid=5f2048&_nc_ohc=QExtIJj5g6sAX9QTWzO&_nc_ht=scontent.fvix1-1.fna&oh=00_AfD-x5rw7HTQY95-pAfdhdoRn7kbMgKmtpjA-eifwjsmgg&oe=652F2904 . Acesso em: 04 dez 2023

SCCONTENT. 202?b. Disponível em: https://scontent.fvix1-1.fna.fbcdn.net/v/t39.30808-6/263476305_10224253562981051_8332090440512884380_n.jpg?_nc_cat=102&ccb=1-7&_nc_sid=5f2048&_nc_ohc=4SoWjg8k-k8AX-h1Iff&_nc_ht=scontent.fvix1-1.fna&oh=00_AfA5nKHx1p_BtylLvmAfHqJaMLHluQ5swxHxEC7-430h7w&oe=65302585. Acesso em: 04 dez 2023

SILVA, Jonathas M.P.. **Para que serve a morfologia urbana?**. Revista Lusófona de Morfologia Urbana. Volume 4, número 2. 2016. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/issue/view/3/4> . Acesso em: 30 nov 2023.

TRINDADE, Luísa. A Malha. **Fazer cidade no Portugal medieval: agentes, programas e execução**. In Cadernos de Morfologia Urbana - Estudos da cidade: Os Elementos Urbanos. 1ª Edição. Lisboa, Editora Argumentum. 2013. cap.1, p58 – 81

VITÓRIA, Prefeitura Municipal. **Banco de Imagens**. 2023. Disponível em: <https://geowebvitoria.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=c15700ebec4f4c7d85ee46474dc06fcb> Acesso em: 04 dez 2023

VITÓRIA, Prefeitura Municipal. **Banco de Imagens**. 2023a. Disponível em: <https://m.vitoria.es.gov.br/recursos/imagens/banco/2010/09/05/16964/ampliada@2x.jpg>. Acesso em: 04 dez 2023